

Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa,
e Banco do Brasil apresentam



LEOPOLDINA

independência E morte



O Banco do Brasil apresenta “Leopoldina, Independência e Morte”, um espetáculo teatral que recria momentos do período em que a imperatriz Leopoldina, esposa de Dom Pedro I, viveu no Brasil.

Em três fragmentos, que passam pela sua chegada no país, em 1817, até a véspera de sua morte, aos 29 anos, em 1826, a montagem joga luz na importância decisiva dessa personagem no processo de independência do Brasil, desconhecida ainda pela maioria dos brasileiros.

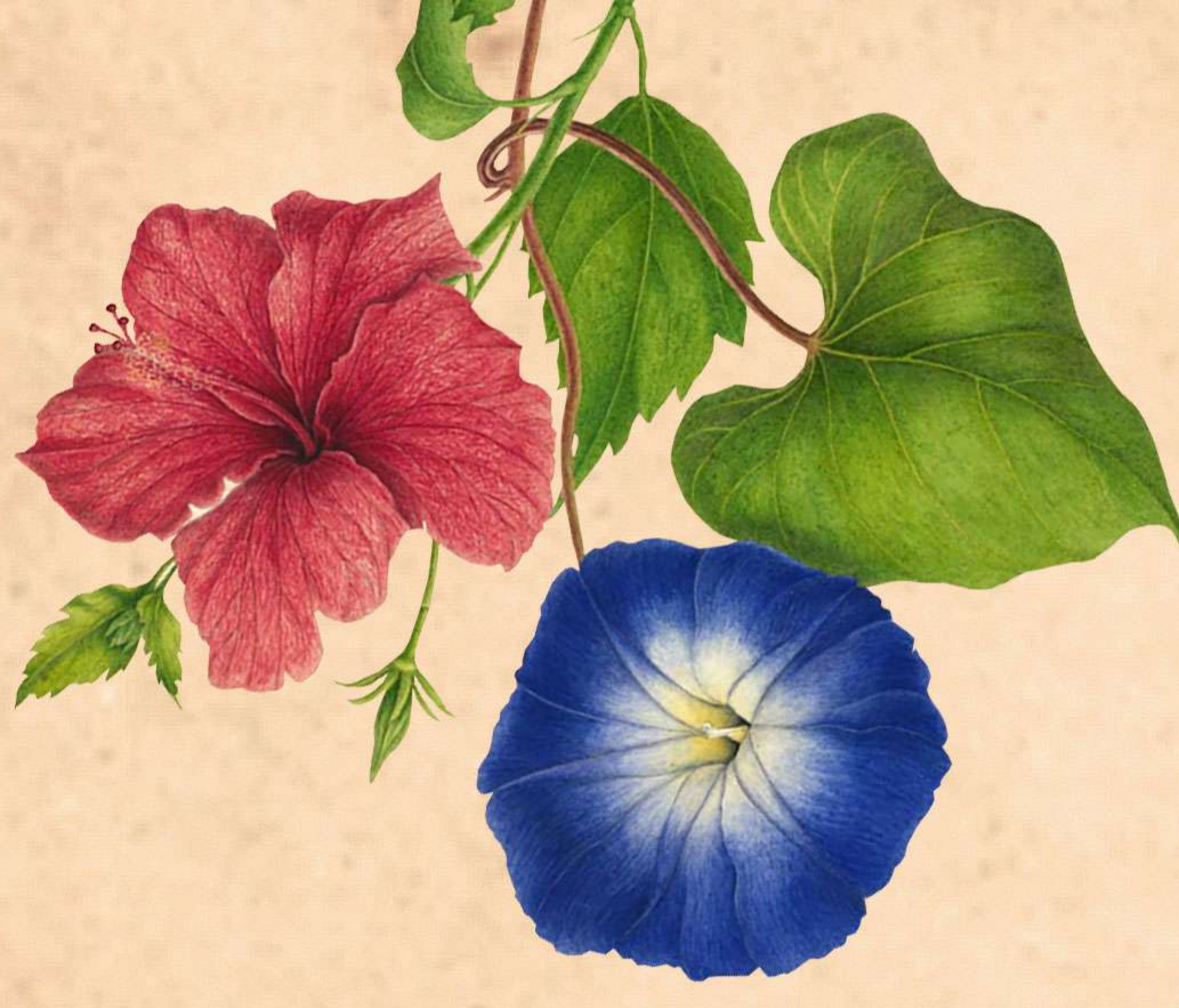
Com esse espetáculo, o Banco do Brasil reafirma seu compromisso na promoção da arte, cultura e formação do público por meio de uma programação acessível e de qualidade.

Centro Cultural Banco do Brasil



Acesse o catálogo
com mais informações
para download





E femérides são janelas entre os tempos: passado e presente se entreolham nessa coincidência cronológica que criamos ao medir o transcorrer da vida. Este ano, dois séculos nos separam dos eventos que simbolizam a independência do Brasil de sua subordinação a Portugal. E, ainda que o patriotismo (já tão desgastado e sempre tão capturado para interesses perversos) nos convoque à ideia de celebração, cabe aproveitarmos o momento para refletir se e sobre o que é possível comemorar neste Brasil de 2022.

Não está fácil encontrar tal entusiasmo. Quem dera pudéssemos estar agora preparando uma grande festa! O tom é mais de aflição, cansaço e tristeza. Este enorme pedaço de terra, cantado como sinônimo de beleza e abundância sem igual desde quando pisaram aqui pela primeira vez os europeus para pilhar e saquear tais maravilhas, segue frustrando até os mais otimistas na realização desta promessa de felicidade.

A questão é que tal promessa nunca deixou de ser uma quimera. Pois, até hoje, raras vezes fomos capazes de honrar o ideal contido na ideia de "nação", que traz consigo a imagem de um coletivo humano nascido sob um mesmo repertório cultural, o que ensejaria certa irmandade entre todas e todos que se entendem como "brasileiros". Será possível evocar tal sentimento num país onde tantas injustiças e violências não só se perpetuam mas passam a ser orgulhosamente defendidas?

Ao mesmo tempo, é preciso reconhecer uma força que atravessa os tempos e teima em se contrapor a essa lógica, instaurada aqui desde os primeiros colonizadores e que insiste em manter o Brasil como mero fornecedor de matérias-primas para o mundo. A própria independência foi um sonho de muita gente. Gente que arriscou ou mesmo perdeu a vida pela ideia de que pudéssemos nos governar e decidir nossos destinos. Gente que entendeu a contradição entre lutar pela independência e manter a escravidão como modo de geração de riquezas para alguns em detrimento de muitos. Gente que percebeu que não haveria nação sem a distribuição do acesso a tais riquezas e o profundo respeito aos que já estavam aqui.

Encontrar-se com as tradições e lutas do passado com as quais compartilhamos sonhos e esperanças é importante para manter a cabeça erguida e a disposição ativa, apesar daqueles que insistem em nos aniquilar, seja concretamente, seja matando em nós a capacidade de acreditar e de lutar, com alegria, inclusive, por um mundo melhor para toda e qualquer forma de vida.

Leopoldina, a personagem que me instigou e moveu nessa jornada mais uma vez trazida até você, tem algo disso. Apesar da ancestralidade numa das famílias mais poderosas da Europa (e das contradições que seu projeto, compartilhado com José Bonifácio, inevitavelmente continham), ela sonhou um país. Ela tinha um projeto, com o qual poderíamos ter concordado ou não, mas era um projeto sobre o qual debater. Infelizmente, com sua morte prematura aos 29 anos e o exílio de Bonifácio, este projeto não vingou. Em seu lugar, seguiu vigorando o fisiologismo como regra que condiciona as atitudes de quem detém o poder no Brasil a favor da manutenção dos privilégios destes poucos em detrimento dos outros muitos. E assim seguimos sendo um dos países com maior concentração de renda do mundo e com todos os problemas decorrentes dessa situação abominável: violência, miséria e destruição ambiental.

Sua história é triste, mas também é um exemplo de que, em momentos como agora e o de duzentos anos atrás, lutar e viver tornam-se sinônimos. Honremos então, com nossa presença no mundo, brasileiras e brasileiros que vieram antes de nós e mantiveram acesa a chama da fé na humanidade. Como Leopoldina, que adotou o Brasil como sua pátria e por ele deu sua vida.

Marcos Damigo

Autor e Diretor

LEOPOLDINA

independência E morte

Carolina Josefa Leopoldina Francisca Fernanda de Habsburgo-Lorena

Os três fragmentos destacados referem-se aos momentos da vida de Leopoldina no Brasil retratados no espetáculo.

- 1797

Leopoldina nasce no dia 22 de Janeiro em Viena, Áustria
- 1799

Fim da Revolução Francesa e início da ascensão de Napoleão, ambos em novembro
- 1807

Fuga da família imperial portuguesa para o Brasil, em novembro
- 1808

Fundação do Banco do Brasil, em outubro
- 1815

Termina o Congresso de Viena, em junho
Napoleão é preso e exilado, em outubro
- 1817

Leopoldina chega ao Rio de Janeiro, em novembro, aos 19 anos
- 1818

PRIMEIRO FRAGMENTO

Leopoldina descobre que está grávida, em agosto
- 1821

Retorno de Dom João VI a Portugal, em abril
- 1822

Janeiro

Dia do Fico

Agosto

Pedro nomeia Leopoldina regente interina e vai para São Paulo
- 02 de Setembro

Leopoldina reúne o Conselho de Estado e preside a sessão onde é decidida a independência do Brasil
- 07 de Setembro

Pedro recebe as cartas de Leopoldina e José perto do riacho do Ipiranga
- 1823

Domitila muda-se para o Rio de Janeiro, em janeiro
José Bonifácio se demite do Ministério, em julho, e cria um jornal de oposição chamado O Tamoyo, que circulou pela primeira vez, em agosto
- SEGUNDO FRAGMENTO

Bonifácio procura Leopoldina ao saber que será exilado e os dois conversam sobre a independência do Brasil, em novembro
- 1824

Nasce a primeira filha de Domitila com Pedro, Isabel Maria, em maio
Leopoldina recebe a primeira carta de seu pai após a independência do Brasil, em julho
- 1825

Domitila é nomeada primeira camareira de Leopoldina, em abril
Portugal reconhece a independência do Brasil mediante assunção de sua dívida com a Inglaterra, em agosto
Nasce o segundo filho de Domitila com Pedro, Pedro de Alcântara Brasileiro, em dezembro
- 1826

Pedro vai para a Guerra Cisplatina, em novembro
- TERCEIRO FRAGMENTO

Em um delírio, Leopoldina discorre sobre eventos passados e futuros
- Leopoldina falece no dia 11 de dezembro, aos 29 anos, e é sepultada no Convento da Ajuda, Rio de Janeiro

Leopoldina.
Assinatura de Leopoldina



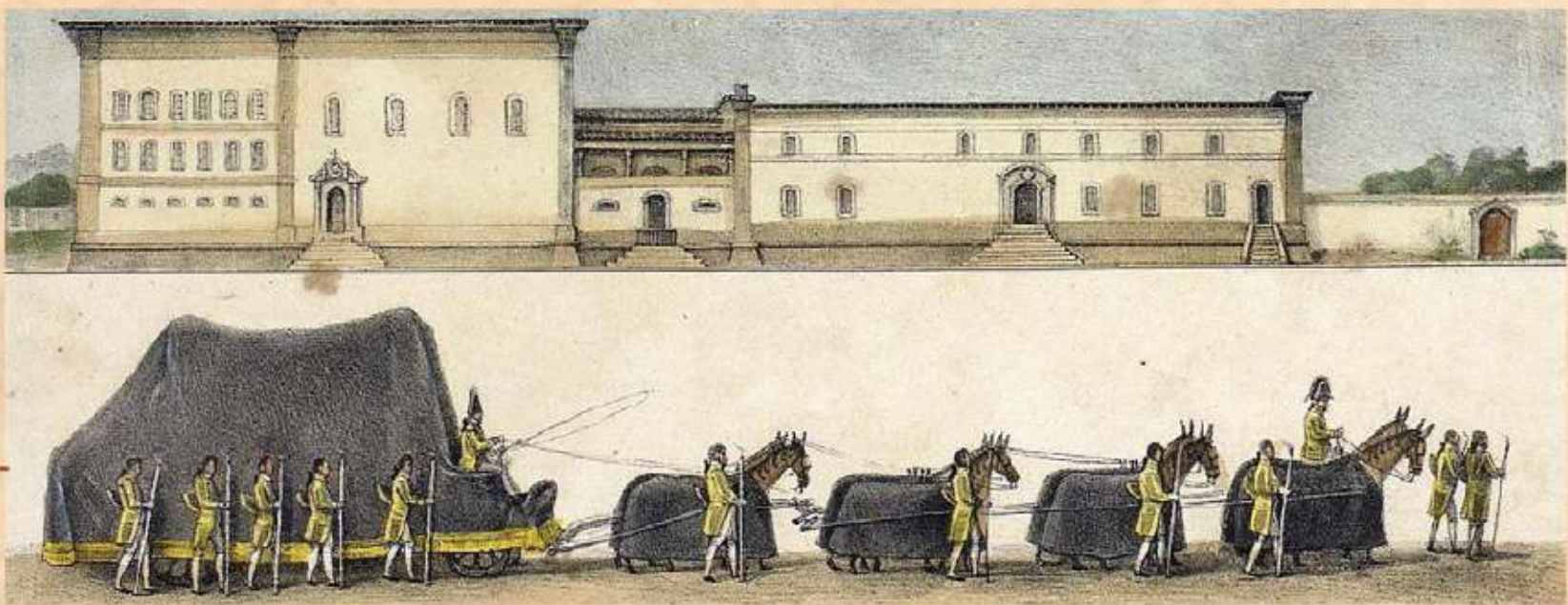
Desembarque da princesa Leopoldina por Jean-Baptiste Debret, 1817 (Museu do Açu)



Aclamação de D. Pedro I por Jean-Baptiste Debret, 1822 (Museu Nacional de Belas Artes)



Sessão do Conselho de Estado por Georgina de Albuquerque, 1922 (Museu Histórico Nacional/Ibram/MinC)



Monumento e comboio fúnebre da imperatriz Leopoldina por Jean-Baptiste Debret e Thierry Frères, 1826

Os Restos Mortais

- 1911
Com a demolição do Convento da Ajuda, seus despojos são transferidos para o Convento de Santo Antônio, Rio de Janeiro
- 1954
Seus despojos são transferidos para a Capela Imperial, sob o Edifício-Monumento à Independência, em São Paulo, onde permanecem até hoje, ao lado dos restos mortais de Dom Pedro I e de sua segunda esposa, Dona Amélia, transferidos para lá em 1972 e 1982, respectivamente

Edifício-Monumento à Independência Divulgação



Da. Leopoldina de Habsburgo e seus filhos por Domenico Failutti, 1921 (Acervo do Museu Paulista da USP)

Leopoldina chegou ao Brasil com 19 anos, morreu aos 29 e engravidou nove vezes.

- 1819

Nasce sua primeira filha, Maria da Glória, em abril
Sofre um aborto no início da segunda gestação
- 1820

O príncipe Miguel de Bragança veio ao mundo sem vida, em abril
- 1821

Nasce seu segundo filho, João Carlos, em março
- 1822

Morre João Carlos, em fevereiro
Nasce sua terceira filha, Januária Maria, em março
- 1823

Nasce sua quarta filha, Paula Mariana, em fevereiro
- 1824

Nasce sua quinta filha, Francisca Carolina, em agosto
- 1825

Nasce seu sexto filho, Pedro de Alcântara, futuro Pedro II, em dezembro
- 1826

Leopoldina sofre um aborto no dia 02 de dezembro

02 de Setembro de 2018

O Incêndio

O Museu Nacional, antigo Palácio da Boa Vista, residência de Leopoldina e local onde foi feita a reunião do Conselho de Estado em 02 de setembro de 1822, é destruído por um incêndio



Foto por Francisco Proner





“P

ara entender a transformação sofrida por Leopoldina no Brasil é preciso pensar na princesa não só como estrangeira mas como exilada. (...) Era como estar afastada de si mesma. Ela se esforçava para cumprir seu dever, como um modo de ainda conservar o que considerava o melhor de si. (...) Ainda ficava satisfeita em ocupar a posição infantil de menina obediente, ainda preferia alienar-se de sua própria condição para satisfazer o desejo de um outro, um outro do sexo masculino, tanto faz se o marido ou o pai, desde que estivesse em posição de autoridade diante dela, que lhe dissesse o que fazer, que aprovasse seu sacrifício.”

“Suas tentativas de se conformar com a infelicidade são comoventes. Fez o possível para acreditar no amor do marido, ao qual tentou corresponder cumprindo seus deveres. A maternidade também foi uma grande compensação e fonte de verdadeira alegria.”

“No ano de 1821 Leopoldina começou efetivamente a se transformar: de princesa a imperatriz, de austríaca a brasileira (o que teria lhe custado grande esforço e muitas renúncias), de esposa submissa a conselheira do imperador, de filha obediente a senhora de seus atos e de suas opiniões. (...) Era também muito mais conservadora, mas neste ponto podemos observar uma transformação interessante: à medida que se viu forçada a abandonar, com muito pesar, seu sonho persistente de voltar à Europa, à medida que percebeu que estava abandonada à própria sorte, (...) Leopoldina foi se declarando cada vez mais brasileira e, aos poucos, cada vez mais liberal.”

“Depois do Dia do Fico, Leopoldina viu-se verdadeiramente sozinha; seu destino estava por sua conta. Cabia a ela suprir o despreparo de Pedro, aconselhá-lo, escrever seus discursos, buscar aliados confiáveis.”

“Mas a paixão de D. Pedro por Domitila de Castro desmoralizou sua posição de esposa oficial. (...) A posição de esposa e o cargo de imperatriz não ofereciam mais nenhuma segurança a Leopoldina diante da paixão cega do marido e dos escândalos de Domitila. A humilhação tornou-se pública.”

“D. Pedro continuava dependendo de Leopoldina; ela o orientava politicamente, comunicava-se com representantes de países estrangeiros com mais desenvoltura, falava mais línguas e era mais culta do que ele. Mas Pedro vingava-se da superioridade da esposa desmoralizando-a como mulher. Leopoldina não era bonita nem sedutora; esteve grávida por nove vezes, teve três abortos, perdeu um filho pequeno. Aos vinte e poucos anos era uma mulher envelhecida, deprimida e pouco vaidosa.”

“A dor diante da partida da filha bem-amada com destino a um casamento arranjado de acordo com conveniências de duas cortes, repetição precoce de sua própria história, fez com que Leopoldina entendesse dramaticamente, dois meses antes de morrer, a sua própria condição. O esforço da primeira imperatriz do Brasil em tornar-se sujeito de sua própria vida e da história política de seu país de adoção não foi suficiente para apagar a condição a que ela estava destinada. Uma mulher de origem nobre nasce para servir de moeda de troca entre os poderosos.”

(Trechos do artigo escrito por Maria Rita Kehl, intitulado “Leopoldina, ensaio para um perfil”, publicado no livro “D. Leopoldina - Cartaz de uma Imperatriz”, da Editora Estação Liberdade)





Ficha Técnica

texto e direção **Marcos Damigo**

elenco **Sara Antunes e Plínio Soares** | flauta e cello **Ana Eliza Colomar**

direção de produção **Fernanda Moura**

assistente de direção **Laura Salerno** | preparação de atores **Lucas Brandão**

trilha sonora **Ana Eliza Colomar e Nivaldo Godoy Junior**

cenário **Renato Bolelli Rebouças** | assistente de cenografia **Amanda Vieira**

figurinos **Cássio Brasil** | assistente de figurinos **Daniela Tocci**

desenho de luz **Aline Santini** | operação de luz **Pâmola Cidrack e Pajeú Oliveira**

contrarregra **Ví Silva** | camareira **Elisa Galdino**

consultor histórico **Paulo Rezzutti**

intérpretes de Libras **Elaine Sampaio e Michele Alonso**

audiodescrição **Ver Com Palavras - Livia Motta**

artes visuais **Pris Lo** | design gráfico e vídeos **Ramon Jardim**

fotos divulgação **Ariel Cavotti, Maíra Barillo e Victor Iemini**

clipping e valoração de mídia **Ferba - Priscila Basílio**

comunicação **Fervo - Fabiana Cardoso, Julia Ramos, Priscila Cotta e Ví Silva**

produção executiva **Renata Araújo** | assistente de produção **Mari Souza**

assessoria jurídica administrativa **Mariana de Castro** | contabilidade **Julio Andrade**

produção e administração **Palimpsesto Produções Artísticas - Fernanda Moura**

idealização **Marcos Damigo**



LEOPOLDINA

independência E morte

Glossário

Carolina Josefa Leopoldina Francisca Fernanda de Habsburgo-Lorena (Viena, 22/01/1797 – Rio de Janeiro, 11/12/1826): membro de uma das mais antigas dinastias da Europa, que reinou sem interrupções do século XIII ao XX. Casou-se por procuração com Dom Pedro I e mudou-se para o Rio de Janeiro em 1817.

Participou ativamente da independência do Brasil, o que lhe valeu o isolamento da família. Morreu aos vinte e nove anos, após engravidar nove vezes e dar à luz cinco filhos, entre eles Pedro II, o futuro imperador do Brasil.

Foi a primeira mulher a se tornar chefe de Estado no Brasil, governando como regente interina com plenos poderes em duas ocasiões: 1822, quando Pedro viaja para São Paulo e ela reúne o conselho de Estado para decidir pela independência do Brasil, e em 1826, quando Pedro viaja para a Guerra da Cisplatina, apesar dela estar já bastante doente.

José Bonifácio de Andrada e Silva (Santos, 13/06/1763 - Niterói, 06/04/1838): naturalista, estadista e poeta brasileiro, principal ministro do período em que o Brasil se tornou independente (janeiro de 1822 a julho de 1823). Em novembro de 1823 foi exilado e viveu na França por seis anos. De volta ao Brasil, assumiu a tutoria de Pedro II (1831-1833). Como naturalista, descobriu quatro minerais, incluindo a petalita, que mais tarde permitiria a descoberta do lítio, e a andradita, batizada em sua homenagem.

Pedro de Alcântara Francisco António João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim - D. Pedro I (Queluz, 12/10/1798 – Queluz, 24/09/1834): primeiro imperador do Brasil (1822-1831), filho do rei João VI de Portugal e da rainha Carlota Joaquina da Espanha, veio para o Brasil com nove anos. Em 1820, com a volta de Dom João VI para Portugal, fica no Brasil como príncipe regente. Em 1831 abdicou do trono em favor de seu filho Pedro II e partiu para Portugal, onde faleceu aos trinta e cinco anos de tuberculose.

Domitila de Castro Canto e Mello (São Paulo, 27/12/1797 – São Paulo, 03/11/1867): amante de Dom Pedro I entre 1822 e 1829, que lhe conferiu o título de Marquesa de Santos em 1826. Casou-se aos quinze anos com um homem violento, de quem se divorciou em 1824. Conheceu Dom Pedro em 1822, dias antes da proclamação da independência do Brasil. Quando se muda para o Rio de Janeiro em 1823, passa a ganhar cada vez mais notoriedade e poder. Iniciou uma nova relação com o brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar em 1833 (1794-1857), político e fazendeiro sorocabano, com quem se casou em 1842.

Napoleão Bonaparte (Ajaccio, 15/08/1769 – Santa Helena, 05/05/1821): líder político e militar durante os últimos estágios da Revolução Francesa e imperador dos franceses que governou de 1804 a 1815. Através das guerras napoleônicas, foi responsável por estabelecer a hegemonia francesa sobre a maior parte da Europa. Invadiu Portugal em 1808, provocando a fuga da família imperial portuguesa para o Brasil.

Assembleia Constituinte de 1823: a primeira Assembleia Constituinte do Brasil foi instalada em 3 de maio de 1823 e encerrada por Dom Pedro I em novembro de 1823, no episódio conhecido como "a noite da agonia", quando José Bonifácio é preso e exilado para a Europa. A primeira Constituição brasileira foi outorgada por Dom Pedro I em março de 1824.

Congresso de Viena (1814-1815): conferência entre governantes de países europeus na capital austríaca cuja intenção era redesenhar o mapa político do continente europeu após a derrota da França napoleônica e restaurar a ordem absolutista do Antigo Regime.

Revolução Francesa (1789-1799): período de intensa agitação política e social cujo lema "Liberdade, Igualdade e Fraternidade" afetou profundamente o mundo a partir de então. Acabou com a monarquia, abalou as estruturas da aristocracia e do clero na França, e executou várias pessoas, entre elas Maria Antonieta, rainha da França e tia-avó de Leopoldina.

Independência ou Morte é uma pintura do artista brasileiro Pedro Américo confeccionada entre 1886 e 1888 em Florença, na Itália, e considerada a representação mais consagrada e difundida do momento da independência, apesar de não retratar com fidelidade histórica o momento em que Dom Pedro I recebe as cartas de Leopoldina e José Bonifácio perto do riacho do Ipiranga em São Paulo.

Independência do Brasil (1821-1825): processo que se iniciou quando as Cortes Portuguesas quiseram reduzir novamente o Brasil ao seu antigo estatuto colonial. Proclamada a independência em setembro de 1822, Portugal apenas reconheceria o Brasil como nação em agosto de 1825. Várias revoltas foram violentamente combatidas em diferentes locais como Bahia, Maranhão, Piauí e Pará, nos quais parte da elite permaneceu fiel a Portugal.

Cortes Portuguesas: parlamento criado na sequência da Revolução Liberal do Porto (1820-1822), quando as tropas napoleônicas foram derrotadas em Portugal, formada pela burguesia que exigia o fim da Monarquia Absolutista, a criação de uma Constituição e o retorno da família imperial, sediada no Brasil desde 1808, além da obediência direta das províncias brasileiras sem um governo próprio, provocando a crise que culmina na independência do Brasil.

Guerra da Cisplatina (1825-1828): conflito entre o Império do Brasil e as Províncias Unidas do Rio da Prata, que culminou com a independência da Província Cisplatina, atual Uruguai. Quando Leopoldina faleceu em dezembro de 1826, Dom Pedro I estava voltando do sul do país para onde havia ido levar tropas e melhorar o ânimo do exército.

Monarquia: sistema de governo onde, salvo exceções, o chefe de Estado recebe o poder por hereditariedade. Na Monarquia Absolutista o rei exerce o poder absoluto, isto é, independente e superior ao poder de outros órgãos do Estado. Na Monarquia Constitucional, o rei é chefe do Estado mas há uma Constituição que limita seus poderes, e a chefia de Governo é exercida por um primeiro-ministro, por um presidente do conselho de ministros ou pelo presidente do governo.



AGRADECIMENTOS

Aguinaldo Ribeiro da Cunha, Alexander Kellner e equipe do Museu Nacional, Angela Maria Bicalho Antunes, Antônio Martinelli e equipe do SESC Ipiranga, Antônio Brito, Aristides Monteiro Neto, Benjamim Antunes de Oliveira, Dani Colazante, Elídia Novaes, Escola de Arte Dramática EAD/ECA/USP, Fabiana Gugli, Francisco Medeiros [in memoriam], Gabriela Ravello, Genio Nascimento, Joca Andreazza, Karim Bensalah, Luciana Gerbovic, Mãe Edenis Amorin, Maria Helena Chira, Marília Simões, Marina Provenzano, Panais Bouki, Paula Picarelli, Paula Possani, Priscilla Romio, Regina Galdino, Renato Saraiva, Roberto Setton, Profa. Dra. Solange Ferraz Lima e equipe do Museu Paulista da USP, Tarina Quello, Tereza Menezes, Valdir Rivabem, Virgínia Buckowski.



07 de SETEMBRO a 16 de OUTUBRO de 2022

Sextas | 19h Sábados e Domingos | 17h

Sessões Especiais: Quarta, 07/09 | 17h Quinta, 08/09 | 19h

Bate-papo com o público após a apresentação: 07/09, 18/09, 25/09 e 09/10



AD))) Sessão com Libras e Audiodescrição: Domingo, 25/09 | 17h

12

Não recomendado para menores de **12 anos**



acesse o site e
acompanhe a
programação

Centro Cultural Banco do Brasil

Rua Álvares Penteado, 112 – Centro Histórico – SP

Próximo à estação São Bento do Metrô

Informações: 55 11 4297-0600

Aberto todos os dias, das 9h às 20h, exceto às terças

Estacionamento conveniado:

Rua da Consolação, 228, com traslado gratuito até o CCBB.

Parada no Metrô República no trajeto de volta.

Consulte horário de funcionamento em nossas redes sociais.

R\$ 14 pelo período de 6 horas (necessário validar o ticket na bilheteria do CCBB).

Dê preferência ao transporte público.

Ingressos

Bilheteria do CCBB

ou bb.com.br/cultura

Produção

Realização



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
Secretaria de Cultura e Economia Criativa

bb.com.br/cultura [ccbbsp](https://www.facebook.com/ccbbsp) [ccbb_sp](https://twitter.com/ccbb_sp) [ccbbsp](https://www.instagram.com/ccbbsp)

SAC 0800 729 0722 / Ouvidoria BB 0800 729 5678 / Deficiente Auditivo ou de Fala 0800 729 0088 | Alvará de Funcionamento: 2021/00708-00
(em renovação, nº processo 6068.2022/0000314 - 0). || Auto de Vistoria do Corpo de Bombeiros nº 551276. Validade: 29/11/2023.

Alvará de Funcionamento nº 2018/13107-000 em renovação. Auto de vistoria do Corpo de Bombeiros nº 390637 - validade: 28.12.2019.